

ENUNCIÇÃO E LITERATURA: CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DA LINGUAGEM E DO ESTUDO DOS PRONOMES DE ÉMILE BENVENISTE¹

Juciane dos Santos Cavalheiro²

jucianecavalheiro@gmail.com

RESUMO: Este estudo propõe, a partir da teoria da linguagem de Émile Benveniste e de seu estudo sobre os pronomes, pensar a relação entre enunciação e literatura. Abordam-se dois pontos: a) o estudo dos pronomes de Benveniste, a fim de evidenciar que sua teoria da enunciação, em especial o estudo dos pronomes, contempla “o projeto de uma ciência geral do homem” (Teixeira, 2012: 71); b) algumas contribuições de Benveniste em trabalhos sobre poética e escrita, com o propósito de pensar a enunciação escrita, especialmente a literária.

Palavras-chave: Benveniste; enunciação; literatura.

INTRODUÇÃO

Meu encontro com Benveniste e Marlene ocorreram ao mesmo tempo, quando estava concluindo meus estudos na graduação de Letras. Procurei, em outubro de 2003, no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, alguém que pudesse me orientar a continuar a estudar a obra de Kafka. Na ocasião, fui recebida pela coordenadora do Programa, professora Ana Guimarães, que me levou até a sala da professora Marlene. Infelizmente, mesmo tendo feito a graduação na UNISINOS, não tive o prazer de ter sido sua aluna. Percebi, através de seu olhar e de um breve silêncio, que poderia ser possível. Como ela mais tarde diria na apresentação de meu livro, a minha paixão pela literatura de Kafka a encantou, o que fez com que aceitasse o desafio. Imediatamente me recomendou leituras pontuais da teoria de Benveniste e Bakhtin, pois só me restavam duas semanas para a elaboração do anteprojeto. Do primeiro, nunca tinha lido nada, só tinha sido apresentada, em aulas de teoria literária, ao

¹ Este trabalho é todo dedicado a Marlene Teixeira, que me conduziu à pesquisa.

² Professora no curso de Letras, leciona no Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes, onde, desde 2011, é coordenadora, ambos na Universidade do Estado do Amazonas. Desenvolve, atualmente, pesquisas sobre Recepção do Quixote no Brasil e Estudos enunciativos, na perspectiva de Bakhtin e Benveniste.

esquema dicotômico: história x discurso; do segundo, apenas alguns textos sobre Rabelais em aulas de crítica literária.

Em 2004, já sua orientanda, Marlene chegou um dia e disse que iríamos, ela, eu e outra orientanda sua, participar do I Colóquio Leituras de Émile Benveniste, que ocorreria em agosto. Só lembro que perguntei a ela, e é possível? No primeiro semestre do mestrado escrever um artigo, que seria socializado com tantos profissionais renomados e que seria publicado em um periódico Qualis A1? Marlene olhou mais uma vez com aquele olhar tão singular, e apenas disse: sim.

Minha participação no colóquio interrogou um possível diálogo entre linguística e literatura. Desde esta época, de forma geral, venho trabalhando com a interface literatura e linguística da enunciação. Procuro, particularmente na teoria enunciativa de Benveniste, em especial nas categorias de pessoa, espaço e tempo, trabalhar a alteridade e seus efeitos para a constituição da subjetividade.

Minhas investigações atuais residem nas análises de duas obras canônicas, o *Quixote*, de Miguel de Cervantes, e *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez³. Detenho-me, neste trabalho, a trazer algumas reflexões sobre a teoria da linguagem proposta por Benveniste, em especial aos pontos de encontro com a escrita literária. Com este propósito, revisito alguns textos dos *PLG I* e *II*, bem como me introduzo na leitura, ainda tímida, das *Últimas aulas*, e acompanho leituras críticas sobre o manuscrito *Baudelaire*. Início pelo estudo dos pronomes, nos quais Benveniste deixa-nos encontrar “uma ciência geral do homem” (Teixeira, 2012: 71).

1 O HOMEM ESTÁ NA LÍNGUA: O ESTUDO DO SISTEMA PRONOMINAL BENVENISTIANO

As formulações sobre o sistema pronominal propostas por Benveniste, especialmente em alguns artigos publicados em *PLG I* e *PLG II*⁴, direta ou indiretamente, têm suscitado a atenção de estudiosos de diversas áreas de conhecimento. Neste estudo, além dos textos do linguista francês, acompanharemos alguns ilustres leitores que refletiram sobre as ideias enunciadas por Benveniste no que diz respeito ao estudo dos pronomes. Iniciaremos por Roland Barthes, que produziu em momentos próximos a Benveniste. Na sequência, traremos algumas reflexões de um leitor atual, Dany-Robert Dufour.

³ Ainda está em fase de maturação uma análise metassemântica das obras.

⁴ Os dois volumes de *Problemas de linguística geral* serão referidos, neste trabalho, conforme a edição brasileira e com o seguinte sistema: sigla (PLG), indicação do volume (I ou II), ano do artigo/ano da edição brasileira utilizada, seguidas de indicação da página.

Barthes, em 1966, recupera o texto “A linguagem e a experiência humana” (1965) de Benveniste. Nesse texto, o linguista, embora não trate de forma específica apenas sobre os pronomes, apresenta uma síntese acerca da experiência humana, a qual sempre se inscreve na linguagem. Reafirma, no início de seu texto, a universalidade de duas categorias fundamentais do discurso, a de pessoa e a de tempo: “todas as línguas têm em comum certas categorias de expressão que parecem corresponder a um modelo constante”, e conclui que “são categorias elementares, independentes de toda determinação cultural e nas quais vemos a experiência subjetiva dos sujeitos que se colocam e se situam na e pela linguagem” (PLG II, 1965/2006: 68).

Barthes, ao refletir sobre a categoria gramatical de pessoa, conforme teorizada por Benveniste, observa que esta:

parece ser universal, ligada à antropologia da linguagem. Toda linguagem, como já mostrou Benveniste, organiza a pessoa em duas oposições: uma correlação de personalidade, que opõe a pessoa (*eu* ou *tu*) à não-pessoa (*ele*), signo daquele que está ausente; e, interior a essa primeira grande oposição, uma correlação de subjetividade opõe duas pessoas, o *eu* e a pessoa *não-eu* (isto é, o *tu*). (Barthes, 2004: 19)

Barthes aponta duas importantes correlações trazidas por Benveniste no capítulo 18 de *PPL I*, “Estrutura das relações de pessoa no verbo” (1946):

a) **Correlação de personalidade**, que opõe a pessoa (*eu* ou *tu*) à não-pessoa (*ele*). Esta é feita através de uma tripla especificidade de *eu* e *tu* em relação a *ele*, ou seja, a categoria de pessoa caracteriza-se por sua unicidade, reversibilidade e ausência de predicação verbal (PLG I, 1946/2005: 253). Quanto à unicidade, tanto o *eu* que enuncia quanto o *tu* a quem o *eu* se dirige são cada vez únicos; já o *ele*, pode ser uma “infinitude de sujeitos ou nenhum”. No que se refere à reversibilidade, o *eu* e o *tu* são reversíveis na situação de enunciação; quanto ao *ele*, nenhuma relação paralela é possível entre as pessoas *eu* e *tu* e a não-pessoa *ele*, uma vez que *ele* em si não designa “nada nem ninguém”. A terceira particularidade de *eu* e *tu* com relação a *ele*, diz respeito ao *eu* e *tu* não predicarem verbalmente uma “coisa”; somente ao *ele* uma “coisa” é predicada verbalmente. (PLG I, 1946/2005: 253- 254).

b) **Correlação de subjetividade**, que opõe as duas pessoas, o *eu* e o *tu*. O que distingue estas duas pessoas é a interioridade e a transcendência. Quanto à interioridade, o *eu* é “interior” ao enunciado, expresso pela “pessoa-eu” e “exterior” a *tu*, que é definida como a “pessoa não-eu”, porém é exterior de maneira que não suprime a realidade humana de diálogo. No que se refere à transcendência, *eu* é sempre transcendente com relação a *tu*. O *tu* é

a única “pessoa imaginável” quando *eu* sai de si para estabelecer uma relação viva com um ser. (PLG I, 1946/2005: 255).

A linguagem, para Benveniste, é a possibilidade da subjetividade pelo fato de conter sempre as formas linguísticas apropriadas a sua expressão. Por outro lado, a língua assumida pelo homem que fala, sempre sob a condição de intersubjetividade (*eu* sempre se dirige a um *tu* a propósito de um *ele*), é que torna possível a comunicação linguística. Benveniste, portanto, concebe a subjetividade humana como resultante da própria categoria de “pessoa” (*eu* e *tu*) e como subordinada à intersubjetividade. Essa relação de reversibilidade ocorre quando *eu* fala a *tu* de alguém ou de alguma coisa – o *ele*. Nesse sentido, os termos pessoa e não-pessoa, em Benveniste, são entendidos como posições enunciativas, aquele que está posicionado a falar e aquele que não está. Isso é apresentado em diversos textos de *PLG*, como, por exemplo, em “A natureza dos pronomes” (1956), momento em que o linguista define o *eu* e o *tu* como “signos ‘vazios’, não referenciais à ‘realidade’”, mas que servem para estabelecer uma relação intersubjetiva na linguagem (PLG I, 1956/2005: 280). É no ato de falar/enunciar que estes signos se preenchem e se tornam plenos, referindo tanto ao sujeito que enuncia quanto à situação da enunciação em que estão implicados *aquele que fala* (o “eu”), *aquele com quem se fala* (o “tu”) e *aquele que está ausente* (o “ele”) dessa fala.

A enunciação, palavra-chave da teoria de Benveniste, como bem sintetiza Barthes, em texto de 1974, não é nem o enunciado e tampouco a presença da subjetividade no discurso, mas sim o *ato*, sempre renovado, pelo qual o locutor toma posse da língua, ou seja, *apropriase* dela (PLG II, 1970/2006: 84). O sujeito, portanto, “não é anterior à linguagem; só se torna sujeito na medida em que fala; em suma, não há “sujeitos” (e, portanto, não há “subjetividade”), há apenas locutores; bem mais – e isso é lembrado incessantemente por Benveniste –, só há *interlocutores*” (Barthes, 2004: 211-212).

Em 2000, o filósofo francês Dany-Robert Dufour traz uma instigante interpretação do estudo dos pronomes a partir da teoria trazida por Benveniste. A tese que deriva de Benveniste é que existe uma *trindade natural* imanente ao ato de falar. As relações diádicas evidenciadas pelas pessoas (*eu* e *tu*) e pela não-pessoa (*ele*) “demarcam uma *realidade anterior*: o homem se exprime em e por uma forma trinitária que lhe é ‘natural’” (Dufour, 2000: 115). Disso resulta que o “eu” e o “tu” somente mantêm relações interlocutórias a propósito de “ele”. É, necessário, portanto, para que o *um* se constitua, um conjunto de *três*: “*para ser um, é preciso ser dois, mas quando se é dois, de imediato se é três*” (Dufour, 2000: 55, grifos do autor). Observa ainda:

Este dado, ao mesmo tempo trivial e fundamental, determina a condição do homem na língua e tudo o que se pode dizer sobre isso. “Eu, tu, ele” formam essa *trindade* espontânea, absolutamente imanente ao uso da linguagem. Esses termos mais simples e mais evidentes constituem uma categoria *a priori* que nenhum locutor pode dispensar quando fala. (Dufour, 2000, 52)

Quanto aos subconjuntos binários, Teixeira, a partir da leitura que Dufour faz de Benveniste, observa que, depois de haver formulado o conjunto trinitário dos pronomes (“eu”, “tu”, “ele”), o linguista “cliva sua definição em dois subconjuntos binários: por um lado, analisa a díade formada pelo par *eu* e *tu*; em seguida, opõe *eu* e *tu* a *ele*.” (Teixeira, 2012: 78).

A primeira díade – *eu* e *tu* – é que assegura a comunicação intersubjetiva. O *eu* só garante sua *presença* se um houver um segundo, o *tu*. É trocando de lugar, portanto, que *eu* e *tu* asseguram suas *presenças*. E nessa inversão, além de informações, “o que se troca é, antes de tudo, a qualidade específica do *eu*, imediatamente transferida àquele designado como *tu*.” (Teixeira, 2012: 78).

Quanto ao segundo subconjunto binário, não se está mais diante de uma díade, mas sim de uma nova relação, a tríade *eu-tu/ele*. *Ele* designa a *ausência*, sobretudo “uma ausência *re-presentada* no campo presença” (Dufour, 2000: 106-107), ou seja, sem a *ausência* (o ele), não há *presença* (*eu* e *tu*), uma vez que “o *ele* viabiliza a cena da representação” (Cavalheiro, 2010: 41).

Quanto ao “ele”, podemos derivar dois sentidos: “uma heterogeneidade re-presentada (*ele* sem barra)” e uma “heterogeneidade radical (*ele* barrado)” (Teixeira, 2012: 78). Benveniste, embora não faça alusão a isso, observa dois valores opostos relativos ao *ele*:

Ele (ou *ela*) pode servir de forma de alocação em face de alguém que está presente quando se quer subtraí-lo à esfera pessoal do “tu” (“vós”). De um lado, à maneira de reverência: é forma de polidez (...) que eleva o interlocutor acima da condição de pessoa e da relação de homem a homem. De outro lado, em testemunho de desprezo, para rebaixar aquele que não merece nem mesmo que alguém se dirija “pessoalmente” a ele. (PLG I, 1946/2005: 254).

Além de uma variação qualitativa atribuída ao *ele* – aniquilamento ou promoção de uma pessoa – também pode indicar uma variação quantitativa: “pode ser uma infinidade de sujeitos – ou nenhum” (PLG I, 1946/2005: 253). A díade “*ele/ele*⁵”; decorre, portanto, por um desdobramento interno, respectivamente: “aos valores inversos de *promoção* e *rebaixamento*; também aos dois valores quantitativos: *todos os sujeitos* e *nenhum sujeito*; ou ainda aos dois valores de ausência: a *re-presentada* e a *radical*.” (Cavalheiro, 2010: 45). Nesta terceira díade, segundo Dufour (2000: 112), “parece residir a chave da compreensão das relações entre

⁵ Ele Barrado.

as duas grandes práticas de simbolização sobre as quais se funda nossa civilização: a fala e a escrita”. É sobre esta segunda, a escrita, em especial a literária, que passaremos a trazer algumas considerações.

2 ENUNCIÇÃO E ESCRITA FICCIONAL

Traremos, neste momento, algumas menções ou omissões presentes nos textos de Benveniste sobre a escrita, com o propósito de verificarmos os possíveis diálogos entre enunciação e literatura. Selecionados alguns artigos presentes nos dois volumes de *Problemas de linguística geral*; o Dossiê *Baudelaire*⁶; e as *Últimas aulas no Collège de France* (1968 e 1969)⁷. Objetivamos, ao final, encontrar pistas deixadas por Benveniste sobre a escrita literária.

2.1 OS PROBLEMAS DE LINGUÍSTICA GERAL E A ESCRITA LITERÁRIA

Em *PLG I* e *PLG II*, “a questão da poética aparece de forma pontual, mas notável” (Flores e Teixeira, 2013: 9). Traremos quatro momentos: 1) artigos “A forma e o sentido na linguagem”, de 1966; “Esta linguagem que faz a história”, de 1968; “Semiologia da língua”, de 1969; e “O aparelho formal da enunciação”, de 1970.

Em “A forma e o sentido na linguagem”, Benveniste inicia seu texto desculpando-se aos seus interlocutores, comunidade de filósofos, sobre o seu lugar de fala, a de um linguista. Além disso, deixa claro, ainda no início do texto, que o domínio sobre o qual discorrerá “será a linguagem dita ordinária, a linguagem comum, com exclusão expressa da linguagem poética, que tem suas próprias leis e suas funções próprias” (PLG II, 1966/2006: 221). Todavia, não deixa de observar que “tudo o que se pode esclarecer no estudo da linguagem ordinária será de proveito, diretamente ou não, para a compreensão da linguagem poética também” (PLG II, 1966/2006: 221-222). Neste texto, portanto, faz referência à linguagem poética. Além disso, afirma que, embora seu foco neste artigo seja a linguagem ordinária, as considerações feitas sobre ela também servirão para a poética.

⁶ Quando nos referirmos ao estudo realizado por Benveniste sobre Baudelaire, utilizaremos a entrevista de Chloé Laplantine (2013) realizada por Marlene Teixeira e Valdir Flores; o artigo “As perspectivas para o estudo das formas complexas do discurso: atualidades de Émile Benveniste” (2013), de Valdir Flores e Marlene Teixeira; e o capítulo “Dossiê Baudelaire e a enunciação” (2016), de Sabrina Vier.

⁷ Utilizaremos a edição brasileira, publicada pela primeira vez em 2014. O original foi publicado na França em 2012, com o título *Dernières Leçons*, pelas editoras Gallimard e Seuil.

Em “Esta linguagem que faz a história”, Benveniste é entrevistado por Guy Damur para um especial literário. Em resposta a segunda pergunta, Benveniste esclarece que “a linguística se ocupa do fenômeno que constitui a linguagem e, naturalmente, sem negligenciar a parte da linguagem que se transforma em escrita.” (PLG II, 1968/2006: 29-30). Quando questionado, após mencionar a palavra poema, se a linguagem poética tem interesse para a linguística, assim se posiciona:

Imensamente. Mas este trabalho apenas começou. Não se pode dizer que o objeto de estudo, o método a ser empregado já estejam claramente definidos. Há tentativas interessantes mas que mostram a dificuldade de se abandonarem categorias utilizadas para a análise da linguagem ordinária. (PLG II, 1968/2006: 37).

Percebemos, neste texto, duas menções, uma em sentido amplo, “escrita” – que pode ser a científica, a literária (prosa ou poesia) etc.; e outra específica, linguagem poética.

Em “Semiologia da língua”, Benveniste compara a língua a outros sistemas de signos, em especial ao da música e das artes figurativas. Expõe como particularidade da língua natural, dentre os demais sistemas de signos, articular aquilo que ele chama de dupla significância: o semiótico e o semântico.

Quanto à escrita, afirma que dela “não diremos nada aqui, reservando para um exame particular este difícil problema” (PLG II, 1969/2006: 51). Entretanto, ao final de seu texto, menciona uma “translinguística dos textos, das obras” (PLG II, 1969/2006: 67), projeto que coloca, como bem observado por Flores e Teixeira (2013: 9), “a literatura como objeto da metassemântica”, que será construída “sobre a semântica da enunciação” (PLG II, 1969/2006: 67)⁸.

Neste texto, há, portanto, referência à escrita, ao texto e às obras⁹. Podendo, assim, remeter a uma infinidade de gêneros discursivos e a diversas esferas sociais.

Em “O aparelho formal da enunciação”, no último parágrafo do texto, há considerações importantes que julgamos fundamentais para pensar a enunciação e a literatura, esta pensada de forma ampla: o relato oral, a poesia e a prosa.

Inicia por afirmar que “muitos outros desdobramentos deveriam ser estudados no contexto da enunciação”. Destaca dois:

⁸ Um estudo interessante sobre esta questão é estudado por Neumann (2016), momento em a pesquisadora traz o posicionamento de Meschonnic (2008): “a poética, ausente em Benveniste, poderia ser esta “metassemântica” (Plg. II: 66) que ele via como um futuro do semântico. A crítica do discurso pela poética seria talvez a retomada do sujeito como subjetivação, a retomada de sua noção de significância (“propriedade de significar”, Plg. II: 51) por uma significância da prosódia e do ritmo como semântica do contínuo” (Tradução da pesquisadora, cf. nota 21, Neumann, 2016: 19).

⁹ Os pesquisadores ainda destacam que, neste texto, Benveniste traz uma breve referência a Baudelaire. Hoje, com o acesso ao Dossiê Baudelaire, “essa referência a Baudelaire decorre desse grande trabalho que Benveniste realizava na época” (Flores e Teixeira, 2013: 10).

1º) “Ter-se-ia que considerar as alterações lexicais que a enunciação determina, a fraseologia, que é a marca frequente, talvez necessária, da ‘oralidade’”;

Este primeiro desdobramento, trazido pelo linguista, pode se referir à literatura. Todavia, àquela circunscrita aos relatos orais. Dufour (2000: 139) traz reflexões importantes sobre o triângulo pragmático, em que expõe as particularidades do relato. Inicia por trazer dois “extremos” da língua: o “eu” e o “relato”. O primeiro, observa, “se *redobra* sem cessar sobre si mesmo”; o segundo “se *desdobra* sem cessar sobre si mesmo. Respectivamente, o “*eu* sendo quem diz *eu*” e o relato como aquilo que “se constitui a si mesmo como contexto”. Acrescenta que “o sujeito não cessa de ter que cumprir a tarefa de se realizar como sujeito” e o relato é entendido “como um cesto furado: mal realiza a sua última versão, o todo, em virtude do movimento sem fim que o anima, se torna um todo incompleto, à espera, apelando para uma nova versão que viria completá-lo” (Dufour, 2000: 140). Dufour observa que “Benveniste não havia percebido que o dispositivo das três pessoas verbais regia *também* as modalidades de transmissão do relato” (Dufour, 2000: 145).

É esclarecedora a equivalência entre a instrução pragmática, própria do relato, e a estrutura das pessoas verbais, trazida por Dufour, não percebida, segundo o filósofo, por Benveniste:

O triângulo pragmático se apresenta como uma sequência *diacrônica* tal que um sujeito passa do “tu” ao “eu”, depois do “eu” ao “ele”; a noção implica, com efeito, uma circulação de sujeitos por trás da fixidez das pessoas verbais, enquanto o conjunto dos três pronomes pessoais se apresenta como uma estrutura *sincrônica*. O triângulo pragmático é uma *série ternária* que implica uma referência à consecução de uma instância de discurso com relação a outra e o sistema constituído por “eu”, “tu” e “ele” é um conjunto trinitário que não se pode apreender sem uma referência a um espaço onde consistem, no tempo “eterno” do “eu” que fala, os dois outros. A referência ternária refere ao *tempo* e o conjunto trinitário ao *espaço*. (Dufour, 2000: 145).

Vamos ao segundo desdobramento que pode ser estudado no contexto da enunciação:

2º) “Seria preciso também distinguir a enunciação falada da enunciação escrita. Esta se situa em dois planos: o que escreve se enuncia ao escrever e, no interior de sua escrita, ele faz os indivíduos se enunciarem.

Há, portanto, dois planos: a) um referente ao ato propriamente da escrita: “o que escreve se enuncia ao escrever”; b) outro referente ao resultado deste ato de escrita, momento em que “faz os indivíduos se enunciarem”. Quanto ao primeiro plano, realizamos a seguinte interpretação (Cavalheiro, 2010: 49):

a) O primeiro plano, “o que escreve se enuncia ao escrever”, dialoga com outra afirmação de Benveniste, presente em artigo de 1958, “Da subjetividade na linguagem”: “É

“ego” que diz *ego*” (PLG I, 1958/2005, 286). Temos, assim, “o que escreve” – “ego” – “se enuncia ao escrever” – *ego* –, ou seja, somente depois que me subjetivo consigo pronunciar *ego*, e quando este *ego* enuncia implica um *tu* (com quem interajo) e um *ele* (o ausente, o presente que não é dado o direto de enunciar ou de não interagir, o assunto etc.).

b) O segundo plano, “no interior de sua escrita, ele faz os indivíduos se enunciarem”, *ego* faz as vozes/personagens, no caso da ficção literária, se enunciarem.

Este segundo plano, mediante as leituras realizadas até o momento dos textos de Benveniste, é a única menção explícita à prosa literária¹⁰.

Blanchot define a escrita como a passagem do “eu” para “ele”. Assim, parafraseando o primeiro plano da escrita evidenciado por Benveniste, a partir da ideia de Blanchot, temos: “o que escreve” = “eu”, “se enuncia ao escrever” = ele. Dessa forma, teríamos no segundo plano da escrita: no interior da escrita de “ele”, “ele” faz as personagens se enunciarem. Neste plano, *ego* (cf. Benveniste) ou “ele” (cf. Blanchot), que está “arrastado para fora de si pela literatura em busca de sua essência, tenta salvar suas relações com o mundo e consigo mesmo”, mediante o recurso de dar voz às personagens, (Blanchot, 1987: 17).

Quanto à frase final do texto – “Amplas perspectivas se abrem para a análise das formas complexas do discurso, a partir do quadro formal esboçado aqui” (PLG II, 1970/2006: 90) –, há a evidência de que o quadro formal da enunciação abre para o estudo das formas do discurso ainda não trabalhadas pela linguística, ou seja,

Benveniste, em seu último artigo, tematiza aspectos complexos do discurso que incluem fenômenos limite cuja repercussão social é inegável, que exigem da linguística partir de um quadro formal da enunciação, mas que a impede de se manter no interior desse quadro, dada a complexidade que têm. (Flores e Teixeira, 2013: 6).

Cabe a nós, portanto, a partir do quadro formal da enunciação esboçado por Benveniste, pensar em como trabalhar as formas complexas do discurso.

2.2 O DOSSIÊ *BAUDELAIRE* E A ESCRITA POÉTICA

Em 2011, pela editora Lambert-Lucas, manuscritos de Émile Benveniste foram publicados e transcritos pela linguista Chloé Laplantine. Trata-se do livro *Baudelaire*¹¹ (Benveniste, 2011). Vier (2016) esclarece que o dossiê passou a ser conhecido como *Dossiê Baudelaire* (DB), por trazer notas manuscritas sobre os poemas de Charles Baudelaire e sobre

¹⁰ Esta menção à escrita poderia ser estendida à escrita acadêmica, mas esta foge aos nossos interesses.

¹¹ Sem tradução brasileira.

o discurso poético. O arquivo “Baudelaire”, constituído de notas manuscritas, encontra-se, na *Bibliothèque Nationale de France* (BNF), em envelopes numerados pela BNF de 1 a 23, os quais foram depositadas, em 2004, pelo assistente Gérard Fussman a partir de Georges Redard. O livro organizado por Laplantine compreende dezoito envelopes. As pastas não reproduzidas pela linguista, as cinco primeiras, pertencem ao filósofo peruano Augusto Salazar Bondy (Flores e Teixeira, 2013: 8).

Laplantine informa-nos, em entrevista concedida em 2013 aos pesquisadores Teixeira e Flores, que “esses manuscritos trazem realmente algo de novo, pois, se já sabíamos que Benveniste se permite refletir sobre a literatura e sobre a arte, encontramos aqui uma reflexão que procede disso” (2013: 224).

Benveniste, ao falar sobre o discurso poético, afirma que “a análise da língua poética requer, em *toda* a extensão do domínio linguístico, categorias distintas (Benveniste, 2011, 22, fº 67 / fº 319, *apud* Laplantine, 2013: 224).

De certa forma, esta observação sobre a necessidade de categorias distintas para a análise poética também se encontra em seus textos nos *PLG*, conforme apontamos acima. Isso, num primeiro impulso, poderia supor uma separação da linguagem em duas, uma ordinária e outra poética. Todavia, se concluirmos, juntamente com Laplantine (2013: 225), que a teoria da linguagem de Benveniste “é uma antropologia”, no sentido de que “a linguagem ensina a própria definição de homem”, verificamos que a questão central se encontra na “invenção de um novo olhar para a linguagem, que contemple a dimensão não linear do sentido, que suporte a intervenção transformadora de uma experiência singular”. (Flores e Teixeira, 2013: 11). Esta singularidade, conforme elucidada por Laplantine, encontra-se enunciada explicitamente em “Semiologia da Língua”, texto escrito na sequência do trabalho sobre Baudelaire. Laplantine (2013: 225) observa, ainda, que, em Benveniste, “o poema reinventa sua leitura, seu leitor, criando uma ‘uma semiologia nova’”.

2.3 AS ÚLTIMAS AULAS NO COLLÈGE DE FRANCE E A ESCRITA

Recentemente, em 2012, foram publicadas as anotações das últimas aulas de Benveniste no Collège de France – *Dernières leçons: Collège de France 1968-1969*, traduzidas em 2014 pela UNESP. O livro apresenta dezesseis aulas: sete, no primeiro capítulo; oito, no segundo; uma, no terceiro. Nas sete primeiras aulas, que compreende o primeiro capítulo, Benveniste apresenta a distinção semiótico/semântico, presente também, especialmente, em “Semiologia da língua”. Nas demais aulas, capítulos segundo e terceiro,

dedica-se ao estudo da escrita. O livro é organizado por Irène Fenoglio e Jean-Claude Coquet, com prefácio de Júlia Kristeva, Posfácio de Tzveran Todorov¹².

Nos dois últimos parágrafos de sua décima quarta aula¹³, Benveniste, ao comparar o desenho e a escrita consta que:

Tudo o que resulta do desenho se mostra diante de nós como seres vivos. Mas se as interrogamos, essas figuras se calam majestosamente. O mesmo acontece com as palavras escritas. Elas não podem se defender no decorrer de sua passagem de um para outro; **elas se contentam em significar, mas saíram do mundo das relações vivas.**

Não se viu imediatamente a estreita associação, consubstancial, para nós característica, da escrita com a língua. (Benveniste, 2014: 172) [grifos nossos]

Benveniste expõe esta associação da escrita com a língua com mais clareza em sua aula seguinte,¹⁴ momento em que afirma: “*a escrita é uma forma secundária da fala*” (Benveniste, 2014: 177). Entende, portanto, a escrita como uma forma da fala. A escrita contenta-se em *significar*, mas para ela ter existência e significar, necessariamente precisa da fala, isto é, *do mundo das relações vivas*. Esta constatação do linguista mostra que a escrita “é a prova incontestável de que a língua pode semiotizar-se a si própria, pode interpretar a si própria. A escrita é uma face da língua, é uma forma que o homem encontrou para simbolizar a língua” (Flores e Teixeira, 2013: 12).

CONCLUSÃO

Ao que se refere à teoria da linguagem proposta por Benveniste, concluímos com um de seus grandes axiomas: “o homem está na língua”. Barthes, ao falar sobre a escritura literária, afirma ser a literatura a ciência “da fala humana”, e que a sua investigação se dirige às “categorias fundamentais da língua” (Barthes, 2004: 25). De certa forma isto está posto em Benveniste, momento em que afirma que as palavras escritas “saíram do mundo das relações vivas” (2014: 172). Ao que se refere às categorias de análise, em diversos textos, (2011: 22¹⁵) por exemplo, Benveniste insiste em afirmar que a análise poética requer categorias distintas. Quanto às “categorias fundamentais da língua” mencionadas por Barthes, poderiam ser associadas à afirmação: “*a escrita é uma forma secundária da fala*”? (2014: 177). Acreditamos que sim, evidenciamos dois momentos: a) da face da língua (“categoria fundamental”), podemos derivar categorias específicas para a análise do texto literário

¹² Para a edição brasileira, a consultada neste trabalho, há uma apresentação feita por Valdir Flores.

¹³ Ministrada em 17 de março de 1969.

¹⁴ Aula quinze, de 24 de março de 1969.

¹⁵ Estamos nos referindo ao livro *Baudelaire*, citado por Laplantine em entrevista aos pesquisadores Marlene Teixeira e Valdir do Nascimento Flores (2013).

(“forma secundária”); b) ou em outra passagem dos textos de Benveniste: a partir do quadro formal esboçado = “categoria fundamental”, podemos pensar em como trabalhar com as formas complexas do discurso (“forma secundária”) (2006: 90).

Quanto ao sistema pronominal proposto por Benveniste, ele nos permite perceber que os três – a fala, o relato e a escrita – são ocorrências “*de uma mesma estrutura fundamental de simbolização*” (Dufour, 2000: 146, grifos do autor). Ao que nos interessa, cabe-nos verificar as diferenças entre os tipos de escrita, ou melhor, investigar os limites entre a escrita poética e a escrita em prosa. Neste estudo, verificamos que grande parte das reflexões de Benveniste, quando se reporta à escrita literária, referem-se à poética. Todavia, acreditamos que os encontros e os limites entre elas podem ser pensados a partir de sua teoria da linguagem, bem como a partir do estudo dos pronomes, a exemplo do estudo realizado por Dufour quando da análise da equivalência entre a instrução pragmática e a estrutura das pessoas verbais.

Ao que se refere ao trabalho com as formas complexas do discurso – a prosa literária, por exemplo, que sempre foi meu interesse –, não nos propomos a derivar categorias analíticas, mas partir das obras, de suas singularidades¹⁶. Encerro com o início de uma análise, ainda por fazer, de *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez. *Cem anos* narra a história de Macondo, uma cidade (aldeia) fictícia cujo fundador é José Arcadio Buendía. A história narra, ao longo de várias gerações, a vida da família Buendía. Macondo e a família Buendía nascem, florescem e morrem juntas. De certa forma, tanto a família quanto a cidade se entregam ao *ele*, porque “*nenhuma socialidade pode omitir a ausência*” (Dufour, 2000: 253).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BARTHES, Roland. Escrever, verbo intransitivo? (1966). In: *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Trad. Mario Laranjeira.
2. BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987. Trad. Álvaro Cabral.
3. _____. Por que gosto de Benveniste (1974). In: *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Trad. Mario Laranjeira.
4. BENVENISTE, Émile. Estrutura das relações de pessoa no verbo (1946). In: *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri.

¹⁶ Ver CAVALHEIRO, Juciane. *Literatura e enunciação*. Manaus: UEA Edições, 2010.

5. _____. Natureza dos pronomes (1956). In: *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri.
6. _____. Da subjetividade na linguagem (1958). In: *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri.
7. _____. A linguagem e a experiência humana (1965). In: *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006. Trad. Eduardo Guimarães [et al.].
8. _____. A forma e o sentido na linguagem (1966). In: *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006. Trad. Eduardo Guimarães [et al.].
9. _____. Esta linguagem que faz a história (1968). In: *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006. Trad. Eduardo Guimarães [et al.].
10. _____. Semiologia da língua (1969). In: *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006. Trad. Eduardo Guimarães [et al.].
11. _____. O aparelho formal da enunciação (1970). In: *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006. Trad. Eduardo Guimarães [et al.].
12. _____. *Últimas aulas no Collège de France: 1968 e 1969*. São Paulo: Unesp, 2014. Trad. Daniel Costa da Silva [et al.].
13. CAVALHEIRO, Juciane. *Literatura e enunciação*. Manaus: UEA Edições, 2010.
14. DUFOUR, Dany-Robert. *Os mistérios da trindade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000. Trad. Dulce Duque Estrada.
15. FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. As perspectivas para o estudo das formas complexas do discurso: atualidades de Émile Benveniste. *ReVEL*, edição especial, n. 7, 2013.
16. MÁRQUEZ, Gabriel García. *Cien años de soledad*. Edición Conmemorativa. Real Academia Española, 2007.
17. NEUMANN, Daiane. A poética nos estudos da linguagem: a busca pelo desconhecido. In: SILVA, Silvana; CAVALHEIRO, Juciane (org.). *Atualidade dos estudos enunciativos*. Curitiba: Prismas Ltda, 2016 (no prelo).
18. TEIXEIRA, Marlene. O estudo dos pronomes em Benveniste e o projeto de uma ciência geral do homem. *Desenredo* (PPGL/UFP). Vol. 8, n. 1, p. 71-83, jan/jun 2012.
19. _____. FLORES, Valdir do Nascimento; LAPLANTINE, Chloé. Émile Benveniste: em direção a uma poética do discurso. Entrevista com Chloé Laplantine. *Calidoscópico* (PPGLA/UNISINOS). Vol. 11, n. 2, p. 221-224, mai/ago 2013.
20. VIER, Sabrina. Dossiê Baudelaire e a enunciação. In: SILVA, Silvana; CAVALHEIRO, Juciane (org.). *Atualidade dos estudos enunciativos*. Curitiba: Prismas Ltda, 2016 (no prelo).

ABSTRACT

The aim of this study is, from Emile Benveniste's language theory and his study of pronouns, to think the relationship between enunciation and literature. Two points are addressed: a) the study of Benveniste's pronouns, in order to prove that his theory of enunciation, especially the study of pronouns, includes "the project of a general science of man" (Teixeira, 2012: 71); b) some of Benveniste's contributions to works on poetry and writing, pursuing to think written enunciation, especially literary.

KEYWORDS: Benveniste; enunciation; literature.